

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDA NUNES DA SILVA

UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CONTOS PERIFÉRICOS DE
ARI DENISSON

ARAPIRACA

2019

Fernanda Nunes da Silva

Uma análise da variação linguística nos contos periféricos de Ari Denisson

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas –UFAL, Campus Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Letras- Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira

Arapiraca

2019

Fernanda Nunes da Silva

Uma análise da variação linguística nos contos periféricos de Ari Denisson

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 05/11/2019

Banca Examinadora

Eliane Vitorino de Moura Oliveira

Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Orientadora)

Marcelo Ferreira Marques

Prof. Dr. Marcelo Ferreira Marques
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinador)

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitorio

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitorio
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinadora)

RESUMO

O presente trabalho analisa a variação linguística presente no livro “Contos Periféricos”, do autor alagoano Ari Denisson, por intermédio de diálogos que retratam o cotidiano dos indivíduos e, assim, sua percepção da realidade em que vivem. Esta visão da língua é possível por conta da variação linguística, como demonstrado neste trabalho diante de seu referencial teórico baseado em Coelho et al (2015), Santos e Vítório (2011), Bortoni-Ricardo (2004) e Faraco (2015), entre outros, uma vez que a língua não é imutável, mas alvo constante de variação e transformações que ocorrem ao longo do tempo e da história, entre outros fatores. Assim, o problema debatido neste estudo é como se dá a representação da variedade linguística popular em contos periféricos, se é fidedigna e, com isso, identitária, ou se pode levar ao preconceito linguístico por ser caricaturizada. A pesquisa realizada neste trabalho segue a teoria sociolinguística, em especial em sua vertente micro, uma vez que investiga a representação da fala de uma comunidade específica. Como metodologia, dentro da vertente interpretativista, sendo selecionadas as variantes linguísticas representativas dos falantes da periferia nos contos periféricos de Ari Denisson, foi discutida a possibilidade de incorrência do preconceito linguístico. Os resultados nos levaram a concluir que foi positiva, pois mesmo existindo aproximação linguístico-identitária nos Contos Periféricos analisados, essa representação ainda é passível de sofrer preconceito linguístico.

Palavras-Chave: Contos. Variação linguística. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This paper analyzes the linguistic variation presents in the book "Contos Periféricos", by Alagoan author Ari Denisson. It happens by dialogues that portray the daily individual lives and their perception of the reality in which they live. This view of language is possible because of linguistic variation, as demonstrated in this study by the theoretical based on Labov (2008), Coelho et al (2015), Santos e Vitória (2011), Bortoni-Ricardo (2004), and Faraco (2015), among others, since language is not immutable but constant target of variation and transformations that occur over time and history, among other factors. Thus, the problem discussed in this study is how the representation of popular linguistic variety in peripheral tales takes place, whether it is trustworthy, and identity or it can lead to linguistic prejudice because it is caricatured. The research carried out in this paper follows sociolinguistic theory, especially in its micro aspect, since it investigates the speech representation of a specific community. As a methodology, within the interpretative strand, being selected the linguistic variants representative of the speakers of the periphery in the peripheral tales of Ari Denisson, the possibility of incurrance of linguistic prejudice was discussed. The results led us to conclude that it was possible, because even if there is linguistic and identity approximation in the tales, this representation is still susceptible to suffer linguistic prejudice.

Keywords: Tales. Linguistic variation. Linguistic prejudice.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por me dar força para superar os obstáculos.

Ao meu esposo, que me ajudou na realização deste sonho, apesar de todas as dificuldades.

Aos meus filhos, por estarem em minha vida.

À minha orientadora, Dra. Professora Eliane Vitorino de Moura Oliveira, por todo apoio e paciência ao longo da elaboração deste trabalho.

Aos professores do Curso de Letras que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização de minha pesquisa.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1	SOCIOLINGUÍSTICA: CONCEITO, ORIGEM E HISTÓRIA.....	9
2.2	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCEITOS	14
2.3	PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO	21
3	O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	23
4	O CONTO COMO GÊNERO DE ANÁLISE	27
5	AUTOR E OBRA	28
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
7	ANÁLISE: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA RELEVANTE NOS CONTOS PERIFÉRICOS EM ARI DENISSON	31
8	DISCUSSÃO E REFLEXÃO	37
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERENCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a variação linguística presente no livro “Contos Periféricos”, do autor alagoano Ari Denisson, por intermédio de diálogos que retratam o cotidiano dos indivíduos e, assim, sua percepção da realidade em que vivem.

A interação é a primeira característica que vem em mente ao se falar de língua, o que leva a perceber que uma língua vai além da simples transmissão de ideias. O falante não só encontra regras para seu uso como também deve ponderar, no momento da interação, sobre como irá falar, de modo formal ou informal. É também através da fala que podemos identificar diversas características sobre o falante, como seu local de origem.

Esta visão da língua é possível por conta da variação linguística, como demonstrado neste trabalho diante de seu referencial teórico, uma vez que a língua não é imutável, mas alvo constante de variações e transformações que ocorrem ao longo do tempo e da história, entre outros fatores.

Assim, a problemática, ou o que este estudo pretende, é observar como se dá a representação da variedade linguística popular em contos periféricos, analisando se é fidedigna e, com isso, identitária, ou se é caricaturizada ou estereotipada, podendo levar ao preconceito linguístico, assim sendo, tem como objetivo geral analisar a representação da variação linguística presente nos contos periféricos do autor alagoano Ari Denisson, refletindo sobre a incorrência ou não do preconceito linguístico.

Os objetivos específicos são: i) selecionar as variantes linguísticas relevantes nos contos periféricos em Ari Denisson; ii) analisar nessas variantes a ocorrência de metaplasmos e se eles se configuram como traços graduais ou descontínuos; iii) discutir a possibilidade de incorrência do preconceito linguístico.

Justifica-se o presente trabalho pela importância da conscientização do leitor acerca das várias facetas do preconceito linguístico, contribuindo para desmitificar informações equivocadas acerca da língua e ampliar o acesso ao conhecimento sobre variação linguística, gerando um debate sobre a importância da representação linguística para a erradicação do preconceito linguístico e uma avaliação positiva de todas as variedades.

O trabalho se organiza em três seções: a primeira, em que são apresentados os referenciais teóricos que formam a base deste trabalho, buscando elucidar conceitos acerca da língua e do preconceito linguístico. A segunda, em que são expostos os procedimentos metodológicos utilizados, bem como apresentados autor e obra, os motivos que levaram à escolha deste objeto de análise e deliberações acerca dos procedimentos adotados. E a terceira

seção, na qual são analisados os diálogos selecionados, buscando demonstrar os tipos e níveis de variação linguística, para então proceder à discussão e reflexão sobre o tema. Encerramos o texto com nossas considerações finais.

Para iniciarmos, na próxima seção, apresentamos nossa fundamentação teórica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos algumas teorias que fundamentam e dão suporte para nossas análises, pois fundamentam as reflexões feitas a partir do problema analisado.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: CONCEITO, ORIGEM E HISTÓRIA

Ao se falar em uma língua, a primeira ideia que vem em mente é a comunicação, uma forma de transmissão de ideias. Não é preciso muita reflexão para perceber que uma língua vai além da simples transmissão de ideias.

Conforme Coelho et al (2015), a interação por meio da língua funciona com regras refinadas que interagem entre as formas empregadas e outros fatores, como os papéis sociais e as relações entre os indivíduos, e o conhecimento do locutor sobre essa interação permite que ele escolha como falar, de modo formal ou informal, ou até mesmo descubra informações relevantes sobre o indivíduo, como seu local de origem, sua idade, a classe social em que está inserido, etc.

Coelho et al (2015) explicam que isso é possível por conta da variação linguística, conceito que será explorado no tópico específico e que permeia toda a ideia central deste trabalho. No entanto, antes de avançar sobre o tema, é necessário que haja uma introdução à própria Sociolinguística, sua história e sua importância com relação ao entendimento da variação linguística como constitutiva de todas as línguas.

A língua não é uma estrutura finalizada e imutável, mas, sim, passível de variações e transformações. A realidade em que vivem os falantes de uma língua influencia na fala, na própria avaliação que fazem sobre a língua e até mesmo na avaliação que fazem sobre a linguagem utilizada pelos outros. (COELHO et al, 2015, p. 08)

Assim:

À primeira vista, pode parecer difícil imaginar que a língua, com seu caráter variável e mutável, como estamos afirmando, seja um objeto de estudo científico, já que estudos científicos são, em geral, baseados em sistematizações, em resultados concretos, no estabelecimento de regras. Mas esperamos que, ao fim deste capítulo, fique evidente que **procurar regras – que muitas e muitas vezes se diferem das regras prescritas em gramáticas normativas e manuais de “bom uso” da língua – é um dos objetivos da Sociolinguística, e que é possível depreender regras da língua, mesmo diante de todas as suas mudanças e variabilidades.** (COELHO et al, 2015, p. 12) (Grifo nosso)

Os estudos científicos são baseados em sistematizações e regras, e, dado o caráter mutável e dinâmico da língua, em especial quando concretizada pela fala, algumas teorias linguísticas não são capazes de imaginar que ela também possa ser analisada cientificamente. No entanto, a Sociolinguística busca, como um de seus objetivos, “as regras da língua”, mas não aquelas ensinadas nas gramáticas normativas, mas, sim, como orientam Coelho et al (2015), o que se busca, na Sociolinguística, são as regras categóricas, ou seja, aquelas que são aplicadas sempre da mesma forma, e as regras variáveis, ou aquelas que não têm sistematização idêntica em todos os contextos.

Dessa forma, ao analisar a língua de um ponto de vista da Sociolinguística, estamos buscando regras imutáveis e regras mutáveis que possam nortear um estudo científico da língua e possibilitar uma análise mais profunda da variação linguística.

Mas o que é a Sociolinguística, afinal?

Iniciemos o exame dessa área de estudos pensando no seu nome: Sociolinguística. Quando ouvimos essa palavra, possivelmente imaginamos que ela tenha algo a ver com Linguística e também com social. De fato, como o nome sugere, a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. (COELHO et al, 2015, p. 12)

Diante do que trazem os autores citados, percebemos que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua e sua relação com a sociedade. Essa relação, apesar de parecer simples em um primeiro olhar, é complexa e possui diversas ramificações.

Por exemplo, no Brasil, embora as pessoas falem a mesma língua, existe variação na fala de região para região, de pessoa para pessoa e até dentro de uma mesma comunidade. Os falares diferentes mostram que, apesar de ser a mesma língua, a relação com a sociedade faz com que varie por diversos fatores. A interação não deixa de existir, no entanto, como alegam Coelho et al (2015 p. 13), “cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, entre outros fatores. Isso quer dizer que as pessoas à nossa volta falam de diferentes maneiras.”

Conclui-se que existe comunicação em qualquer lugar entre os falantes de uma mesma língua. Um nordestino conversará com um carioca e uma criança com um idoso utilizando o mesmo sistema organizado de regras. Além disso, como concluem Coelho et al (2015), a língua varia em decorrência de fatores presentes na sociedade e encontrados na própria língua, ou seja, por fatores linguísticos e extralinguísticos.

A relação entre sociedade e língua é então estudada pela pressão que exercem diversos fatores, como idade, escolaridade, classe social, região de origem - sendo esses fatores externos à língua -, e outros da própria língua, como contexto fonológico, saliência fônica etc. sobre a língua falada e a percepção dos indivíduos e da sociedade sobre a própria linguagem. (COELHO et al, 2015)

Para Santos e Vitória:

A língua como objeto social, variável e passível de sistematização constitui a maior contribuição da Sociolinguística para os estudos da linguagem. Ao adotar essa concepção de língua, os estudos sociolinguísticos partem dos pressupostos de que há diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade e de que a variação linguística não é a aleatória, mas sim condicionada por restrições linguísticas e sociais. (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 13)

A maior contribuição da Sociolinguística para os estudos da linguagem, segundo Santos e Vitória (2011), é a visão da língua como objeto social, variável e sistematizável. Essa visão possibilita a ideia de que não existe uma única maneira de expressar a mesma coisa em uma língua, e que a variação linguística não surge por acaso, mas é se molda por restrições linguísticas e sociais.

Analisando o cotidiano da vida em sociedade, é possível perceber o efeito dessas restrições. As relações sociais formam um padrão e certa comunidade pode utilizar essa repetição em seus costumes, na fala, por exemplo, para solidificar uma determinada variação linguística.

Diante dessa introdução à Sociolinguística, seu objeto de estudo e sua relação com a sociedade, também é preciso analisar o caminho percorrido por ela até aqui. Essa visão social, variável e passível de sistemática é consenso entre seus estudiosos? Existem visões diferentes?

Como explica Tarallo (2007), o que não é imediatamente analisado e sistematizado pelo ser humano é desconfortável, gerando ansiedade, o que o autor chamou de “caos linguístico”, que são, basicamente, as várias maneiras de se falar a mesma coisa (as variantes linguísticas) em colisão.

No entanto, a relação entre língua e sociedade nem sempre foi considerada óbvia, uma vez que foi deixada de lado pela escola gerativo-transformacional, que vinha a considerar as comunidades linguísticas como homogêneas.

Nas palavras de Tarallo:

[...]No entanto, você poderá se questionar: mas essa relação não é óbvia? Tal relação, defendida arduamente pelos seguidores do modelo de

concepção estruturalista da linguagem das décadas de 20 e 30, foi sutilmente abandonada pela escola gerativo-transformacional. Lembre-se de que, segundo Chomsky (1965), o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. Dentro desse modelo de análise, você nem deveria aceitar o desafio por mim proposto, uma vez que a comunidade linguística é homogênea. Não haverá heterogeneidade ou “caos” para se sistematizar! (TARALLO, 2007, p.06)

Para essa concepção da Linguística encabeçada por Chomsky, segundo Tarallo (2007), o estudo da língua se volta ao falante-ouvinte ideal, em uma comunidade linguisticamente homogênea. Esta visão elimina os fatores externos do estudo da linguagem, sendo diferente da Sociolinguística que viria a se consolidar posteriormente.

O próprio Tarallo (2007) expõe que em cada situação que nos deparamos com a fala podemos notar sua heterogeneidade e diversificação, o que deve ser sistematizado, indo de encontro à visão homogênea de Chomsky.

Santos e Vitória (2011), discorrendo sobre a história da Sociolinguística, afirmam que desde remotos períodos existe o interesse pelo estudo da linguagem, dos gregos até os dias atuais, com o aperfeiçoamento dos estudos e a criação de novas teorias que deram autonomia à Linguística. Ainda de acordo com as autoras, a palavra “Linguística” começou a ser utilizada no século XIX, e no século XX, Ferdinand de Saussure, ao separar linguagem em língua e fala, delineou o objeto de estudo da Linguística.

Segundo as autoras:

Para Saussure, a língua é vista como um conjunto fechado e homogêneo de regularidades, de fatos estáticos, que pode ser descrita sem levar em consideração os elementos em variação ou em mudança e o papel que a estrutura da sociedade teria sobre os fenômenos linguísticos. (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p.14)

Essa visão de Saussure apresenta similaridades com a de Chomsky, uma vez que ambas rejeitam a pressão dos fatores externos na língua, ignorando completamente o contexto social e a influência da estrutura social. Há certa limitação no estudo, uma vez que só existe a preocupação com a linguagem quando é homogênea.

Assim, a Sociolinguística “fixada na década de 1960 e marcada por uma origem interdisciplinar, nasce como uma reação ao mito da homogeneidade e uniformidade do sistema linguístico e à ausência do contexto social evidenciado no estruturalismo e gerativismo.” (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 15)

Diferentemente das teorias do estruturalismo de Saussure e gerativismo de Chomsky, a Sociolinguística se concentra além da homogeneidade e uniformidade da língua, estudando

a relação da sociedade com a língua em concordância com fatores externos, como o contexto e a estrutura social, ausentes nas demais teorias. A função da Sociolinguística, como antes exposto, é “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, através da articulação entre linguagem e aspectos de origem social e cultural.” (SANTOS; VITÓRIO, 2011)

O precursor da Sociolinguística é o americano William Labov. De acordo com Tarallo (2007, p. 07), “o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo.” Após os modelos estruturalistas e gerativistas, Labov foi o responsável por reintroduzir a relação entre língua e sociedade, buscando também incluir o componente social e a heterogeneidade em seu modelo.

Nas palavras de Santos e Vitório:

O termo “sociolinguística” é bastante recente e foi cunhado para se referir às **perspectivas conjuntas** que linguistas e sociólogos mantinham face às **questões sobre as relações entre linguagem e sociedade** e, especialmente, sobre a **relação entre contexto social e diversidade linguística**. Segundo Labov (1983), **linguagem e sociedade estão ligadas entre si de uma maneira inquestionável, sendo essa relação a base da comunicação do ser humano**. O autor entende que a história da humanidade é a história dos seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação – a língua. Assim, a Sociolinguística é marcada por uma **heterogeneidade original** e pode ser vista como o ponto de partida de novas correntes e orientações de pesquisas centradas no funcionalismo linguístico, ou seja, no **fato do fenômeno linguístico está relacionado ao contexto social** e cultural. A sociolinguística procura descrever e explicar o uso da língua tendo como ponto de partida as interações verbais dos indivíduos em **circunstâncias reais de comunicação**, ou seja, procurar analisar os fenômenos linguísticos em situações comunicativas reais, **levando em consideração o evento de fala, seus participantes e o contexto social**. (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p.16. Grifo Nosso.)

A diferença do modelo sociolinguístico de Labov em relação aos de Saussure e Chomsky se torna aparente quando observamos que, para Labov, a Sociolinguística possui heterogeneidade original, ou seja, ela nasce de forma diversa, ao contrário dos modelos anteriores que consideram a língua homogênea, sem diversidade e variação.

A Sociolinguística nasce para questionar as relações entre língua e sociedade e suas perspectivas conjuntas, atendo-se à relação contexto social x diversidade linguística. O fenômeno linguístico é visto como relacionado ao contexto social, e, portanto, a fala só pode ser analisada dentro de circunstâncias reais de comunicação, como já exposto, considerando quem fala, onde fala e para quem fala.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCEITOS

De acordo com Santos e Vitório (2011, p.17-18), foi no final da década de 60 e início da de 70 que cresceu o interesse pela Sociolinguística, em que as ideias de Labov e outros geraram a Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou Sociolinguística Quantitativa. Da proposta de Labov, Weinrich e Herzog, em 1968, surgiu “um modelo de descrição e análise linguística, teórico e metodologicamente consistente, que se preocupa com a língua e o uso social dela[...]”.

Assim:

A Teoria da Variação e Mudança Linguística trata, portanto, da variação e da mudança linguísticas e contempla os usos variáveis de fenômenos da linguagem em seu contexto social. A proposta de Labov se distancia da Linguística que considera a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto de enunciação e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema. (SANTOS ; VITÓRIO, 2011, p. 18)

A Teoria aborda o uso de fenômenos da linguagem através do contexto social, deixando de lado a visão abstrata do passado que não considerava o fator social. A linguagem não é mais vista como um fenômeno que independe de contexto, que é externo àquele que fala. Em suma, a língua não é mais considerada separada do social.

Santos e Vitório (2011) explicam que a Sociolinguística de Labov busca demonstrar a heterogeneidade e a variabilidade das estruturas linguísticas, expondo que nessa estrutura existem regras e formas lógicas que possibilitam o estudo dentro da linguística. O objeto do estudo da língua se torna a variação, como aquela que desencadeia a mudança.

As autoras (2011, p. 19) ainda asseveram que, de acordo com a Teoria da Variação, “evidencia-se que toda mudança na língua advém de uma variação, mas nem toda variação implica mudança.”

A análise pode indicar que existe uma coexistência de formas na língua (nenhuma delas desaparece ou se transforma = variação estável), como nas variantes lexicais “macaxeira” e “mandioca”, ou uma mudança (apenas uma das variantes permanece no sistema linguístico), como, por exemplo, “Vós” e “Você”.

Assim:

Considerando que nem tudo que varia implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, é importante estabelecer se a análise das variantes aponta para uma variação estável (coexistência de formas alternantes no sistema linguístico, sem que se possa dizer que uma delas vai desaparecer ou se transformar) ou para uma mudança em progresso (duelo entre as variantes e a permanência de apenas uma delas no

sistema). Assim, a análise em tempo real se faz necessária e relevante, pois a observação diacrônica poderá explicar o estágio de coexistência ou não das variantes na comunidade linguística. A análise em tempo aparente, por tal vez, estabelece o estágio pelo qual passam as variantes no momento de recorte temporal em que estão sendo observadas. Trata-se de uma análise específica daquele momento, sendo relevante a observação sincrônica do estágio das variantes[...] (SANTOS ; VITÓRIO, 2011, p.20)

A análise das variantes pode apontar que elas coexistem ou que duelam entre si. Dessa forma, pode-se entender que as variantes podem desaparecer com o desuso, o que evidencia o seu caráter mutável e faz com que seja necessário analisar os fatores que causam essas mudanças, ou seja, os fatores que influenciam esse fenômeno linguístico. Assim, é necessário que exista uma análise em tempo real, que pode ser diacrônica para explicar a coexistência ou não das variantes na sociedade (ou comunidade específica), ou de tempo aparente, que viria a demonstrar qual variante foi utilizada em determinado período, útil para identificar quais variantes perderam o duelo linguístico.

Neste trabalho em concreto, não serão analisadas as variantes através do espaço temporal, mas sua utilização nos contos locais de Alagoas e suas especificidades.

Labov (1983), segundo Santos e Vitório (2011), entende que a língua faz parte da sociedade, influencia e é influenciada por ela, portanto, só se pode entender a língua através da sociedade, e que ambas são sistemas de representação heterogênea. Assim, a heterogeneidade da própria sociedade pode se transmitir para a língua, e vice-versa.

Para Santos e Vitório (2011, p.21), discorrendo sobre a regra variável, ao reconhecer que existe variação linguística e que fatores linguísticos e sociais agem na língua, gera-se a consciência de que não há fala mais certa ou errada que a outra, apenas diferentes formas de se falar. Essa informação é importante para nosso trabalho, uma vez que avaliamos como o autor representa a fala dos maceioenses retratados em seus contos. Ou seja, esse retrato resulta em identidade ou cria caricaturas que poderão ampliar o julgamento negativo que há em relação às falas populares?

Dessa forma, “Com essa ampliação do conceito de competência, Labov estabelece a diferença entre regras categóricas e regras variáveis. As primeiras fazem parte de um núcleo de estruturas compartilhadas por todos os falantes[...] e as segundas são conhecidas como padrões inerentes ao sistema que emergem a partir da língua em uso.” (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 22)

Para Labov (1983 apud SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 22), “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer a mesma coisa de diversas maneiras diferentes, isto é,

que as variantes são idênticas em seu valor referencial ou de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou expressiva”.

Alguns conceitos são fundamentais dentro da teoria Sociolinguística. Coelho et al (2015, p. 14) explicam que “damos o nome de variedade à fala característica de determinado grupo. A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade manauara e a variedade da Zona leste da cidade de São Paulo[...]”

Assim, pode-se afirmar que existe variedade por critério geográfico, social, ou por outros critérios, como trabalho. Os autores citam a variedade culta como a amplamente mais bem aceita pela sociedade, por ser a falada por aqueles com maior grau de escolarização.

Dessa forma:

Na Sociolinguística Variacionista, dialeto e falar são sinônimos de variedade. É importante observar que dialeto, aqui, não corresponde a uma variedade “inferior” ou estigmatizada de uma língua, mas sim – como é equivalente a variedade – ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional (COELHO et al, 2015, p.15)

Ao se falar em dialeto, fala-se em variedade e se deve ter cuidado para não a estigmatizar ou considerá-la errada. A fala é característica de determinado grupo, como uma comunidade, uma ocupação ou uma região, e é um erro considerar que um deles é inferior ao outro.

Coelho et al (2015, p. 16) conceituam variação linguística como “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado.”

Como exemplo, os autores citam os pronomes “tu” e “você”, que variam dependendo da origem e do grau de formalidade, e essa alternância de formas é uma variação linguística. Para a sociolinguística, essa variação não só não compromete o mútuo entendimento como tem grande significado social, e, portanto, não pode ser desprezada pelo sociolinguista. As diferentes formas de falar e escrever mostram quem as pessoas são, o que gostam de fazer, de ler, de onde vêm e várias outras informações. (COELHO et al, 2015, p. 16)

Portanto:

É essa realidade que o sociolinguista tenta captar, sem qualquer tipo de ideia pré-concebida, tanto como linguística– erroneamente considerando, por exemplo, que a variação é mero acidente na língua, que não pode ser estudada com rigor – quanto como cidadão – equivocadamente acreditando, por exemplo, que um falante que diz ‘nós vai’ tem menos capacidade de pensar e de se expressar do que o falante que diz ‘nós vamos’. A postura aberta à pesquisa e isenta de preconceitos é, como este livro busca demonstrar, uma das maiores contribuições que a Sociolinguística tem a nos fazer quando trabalhamos com o ensino de

língua materna e quando tentamos compreender e, sobretudo, combater o preconceito linguístico em nossa sociedade. (COELHO et al, 2015, p.17)

A variação linguística não pode ser considerada apenas um acidente sem propósito, que os estruturalistas previam, mas deve ser vista como possuidora de regras que podem ser estudadas ou identificadas, dentro de uma postura que exige deixar de lado o preconceito linguístico e focar na compreensão da fala como fenômeno social.

Para Coelho et al (2015, p.17) o objetivo do sociolinguista ao olhar a língua é “descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança da língua.”

Então, ao estudarmos a língua e sua variação, buscamos entender como ela interage com outros elementos, como é afetada por fatores internos/externos para chegar a seu resultado final, que pode ser de coexistência com outras variantes ou uma briga mútua pela sobrevivência linguística em oposição ao desuso com o tempo.

Conforme Coelho et al (2015, p.17) explicam, variável é o lugar gramatical em que localizamos a variação em sua forma mais ampla, enquanto variantes são as formas individuais. No exemplo dos pronomes “tu” e “você”, os pronomes são a variável (expressão pronominal P2) e as variantes são as formas individuais, ou seja, os pronomes “tu” e “você”.

Para que sejam considerados variantes, as formas devem ser trocáveis no mesmo contexto e manter o mesmo significado.

Como explicam os autores:

Dois requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes: 1. Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; 2. Elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional. Como ilustração, vejamos mais um fenômeno variável do português falado no Brasil: a monotongação dos ditongos. Pensemos na palavra “peixe”. Temos duas pronúncias possíveis para essa palavra: peixe e pexe. Note-se que, independentemente da pronúncia, o significado referencial/representacional da palavra se mantém: tanto peixe quanto pexe se referem a um animal vertebrado, aquático, que respira por brânquias. Logo, nesse exemplo, estamos diante de duas variantes de uma variável: o ditongo [ey] e a vogal [e]. Elas são intercambiáveis, ou seja, podem ser trocadas uma pela outra, sem prejuízo da manutenção do significado referencial/representacional. (COELHO et al, 2015, p.17-18)

As formas consideradas variantes devem ser intercambiáveis entre si, ou seja, devem significar a mesma coisa quando no mesmo lugar. “Tu” e “Você” seguem esse exemplo, não existe mudança de significado, apenas uma adequação linguística dos elementos necessários para a fala, como a flexão verbal. Não existe diferença entre “peixe” e “peixe” na prática,

apenas na pronúncia, e não existe prejuízo ou diferenciação de seu uso. A interação acontece igualmente em ambos os casos.

Quando existe variação, é comum que as variantes recebam valoração diferente, o que culminou nos termos variantes padrão (variante de prestígio, variante culta da língua, variante conservadora) e variantes não padrão (estigmatizadas, afastadas da língua culta, inovadoras). No exemplo da palavra “peixe”, peixe seria a variante padrão, e “peixe” a variante não padrão. (COELHO et al, 2015)

Vemos em Coelho et al (2015) que a variação pode ser regional ou geográfica (diatópica), social (diastrática), estilística (diafásica) e na fala e na escrita, que geralmente ocorre por uma combinação de fatores e não apenas de forma individualizada. A variação regional (diatópica) é aquela que permite que um grupo seja identificado por sua fala, como um alagoano, e pode ser estudada com o contraste entre as regiões, zonas (urbanas e rurais) ou até países (Brasil x Portugal).

A variação social (diastrática) difere da geográfica por demonstrar as características sociais dos falantes, como a escolaridade, a condição socioeconômica e a faixa etária. Falantes com maior grau de escolaridade, por exemplo, podem produzir variação diferente, como “nós vamos” ao invés de “nós vai”, forma utilizada por falantes menos letrados. (COELHO et al, 2015)

A variação estilística (diafásica) é a responsável pelo falante escolher o modo de fala de acordo com a situação em que se encontra, por exemplo, em casa, de maneira mais informal, ou no trabalho, mais formal. Como lembram Coelho et al (2015, p. 46) “Esse tipo de variação linguística, resultante dos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas, recebe o nome de variação estilística ou diafásica.”

A última variação é entre a fala e a escrita, ou diamésica, uma vez que corresponde, diferente das demais, a dois meios diferentes, ao invés de representarem fenômenos dentro do mesmo meio. Os tipos de variação anteriores ocorrem dentro da fala ou da escrita, não no contraste entre as duas, como é o caso da variação diamésica. Coelho et al (2015) explicam que a fala é espontânea, improvisada e suscetível à variação, enquanto a escrita é não espontânea, ensaiada e menos variável, e, portanto, sugere que as análises sejam feitas separadamente e depois comparadas.

Além dos tipos de variação, os níveis de variação podem ser: i) lexical; ii) fonológica; iii) morfofonológica, morfológica, e morfossintática; iv) sintática; v) discursiva; podendo ocorrer em todas as etapas gramaticais e serem afetados por fatores diferentes, como questões sociais, geográficas, de ocupação etc., e não ocorre ao acaso, mas pela orientação de

determinadas regras. Como observam Coelho et al, existem certos fatores que agem sobre a língua, fazendo com que determinada comunidade ou indivíduo fale de sua maneira: os chamados condicionadores, fatores condicionantes que fazem com que um indivíduo escolha determinada variante.

Coelho et al (2015) dividem esses condicionadores em condicionadores de aspectos internos da língua (condicionadores linguísticos – ordem dos constituintes em uma sentença, classe de palavras, aspectos semânticos, etc.) e condicionadores de aspectos externos da língua (condicionadores extralinguísticos – gênero, grau de escolaridade, faixa etária, etc.)

Assim:

Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, numa pesquisa sociolinguística, são também chamados de variáveis independentes (ou grupos de fatores), enquanto a variável propriamente dita (ou seja, aquela que corresponde ao lugar da gramática em que ocorre a variação, como a “expressão pronominal de P2”, por exemplo), também pode ser tratada por variável dependente. As variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente, também como o nome sugere, depende de sua relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que condicionam a forma de realização daquela. (COELHO et al, 2015, p.20-21)

As variáveis independentes são a parte fixa das variantes e as dependentes são as que abarcam a diversidade, em que realmente acontece a variação. Por exemplo, em “Peixe/peixe”, a variável dependente é o ditongo [ei], que pode ser reduzido para [e].

Os autores mais uma vez remontam ao exemplo de “tu” e “você”. Quais condicionadores poderiam influenciar o falante a escolher uma dessas formas? De logo, percebe-se que, no Estado de Alagoas, é incomum que as pessoas utilizem “tu” com frequência. Em outros Estados, não é necessariamente assim. Outros fatores, como a intimidade/formalidade, também afetam a escolha da variante. Assim, “A sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela[...]”, como concluem Coelho et al (2015, p. 22)

O primeiro nível de variação importante para este trabalho é a *variação lexical*, das palavras, que são associadas geralmente a uma variação regional/geográfica, e tem como exemplos: abobóra/jerimun, mandioca/aipim/macaxeira, vaso/bacio/privada, etc. São variações ligadas principalmente a “fatores extralinguísticos, de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos.” (COELHO et al, 2015, p. 25)

O segundo nível de variação é a *fonológica*, que ocorre em diversos fenômenos linguísticos do português brasileiro, como em mulé (mulher), veia (velha) e trabaio (trabalho). Coelho et al (2015, p. 26) classificam alguns fenômenos fonológicos:

- a) *Despalatização* – perda de palatização (lh vira l – mulher vira mulé);
- b) *Iotacismo*– evolução de um som para a vogal ou semivogal correspondente (palia vira paia);
- c) *Síncope* – supressão de segmento sonoro (relâmpago vira relampo, fósforo vira fosfro);
- d) *Monotongação* – transformação/redução de ditongo em vogal (pouco vira poco, beijo vira bejo, peixe vira peixe);
- e) *Alçamento das vogais médias pré-tônicas*: elevação de vogal pré-tônica devido a uma vogal em sílaba seguinte (menino vira minino, coruja vira curuja);
- f) *Epêntese vocálica*: emissão de vogal entre consoantes (obter vira obiter, pneu vira pineu);
- g) *Rotacismo*: troca da consoante “l” por “r” (planta vira pranta, Flamengo vira framengo);

O terceiro nível de variação é o de *caráter morfofonológico-morfológico-morfossintático*, que ocorre em um morfema da palavra. Coelho et al (2015, p. 27) explicam esse nível de variação analisando o “cantando”, em que o morfema *-ndo* indica gerúndio, e no fenômeno fonológico “cantano” existe uma redução do morfema para *-no*, causando dúvida se seria um caso de variação fonológica ou morfológica. É o caso também de “andar” em “andá”, no qual existe a supressão do r, um morfema verbal característico do infinitivo, mas que também representa supressão de um fonema.

Nesses casos, a variação é tanto fonológica quanto morfológica, afetando fonema e morfema. Assim, “talvez fosse mais interessante dizer que, nesses casos, o que temos é uma variação morfofonológica – uma vez que os morfemas que caem são também fonemas. É um caso, portanto, de interface, que ocorre quando um caso de variação abarca dois ou mais níveis gramaticais.” (COELHO et al, 2015, p. 28)

Do mesmo modo, quando a variação atravessa para a sintaxe, existe uma variação morfosintática, como em “você anda” por “tu anda” ou “tu andas”. Diante disso, Coelho et al (2015) afirmam que a grande maioria dos fenômenos de variação morfológica são também morfofonológicos ou morfosintáticos.

O quarto nível é a variação sintática, que tem como exemplos as construções relativas e a posição do clítico em relação ao verbo, como diante do uso de próclise ou ênclise. Coelho et al (2015, p. 29), citam o trabalho de Tarallo em 1980, que, analisando a variação sintática nas frases “o filme *AQUE* me referi / o filme *QUE* me referi / o filme *QUE*

me referi A ELE”, descobriu que a forma relativa padrão “*a QUE me referi*” parecia estar sendo deixada de lado na fala, sendo substituída pelo que chamou de relativa cortadora, “*filme QUE me referi*”, e que falantes com menos escolaridade preferiam a terceira forma.

O quinto nível de variação é o discursivo, que diz respeito a elementos de variação que desempenham papel de conectores, como conjunções (e, mas), expressões de natureza adverbial (assim, afinal) e marcadores discursivos (digamos assim). Coelho et al (2015, p. 30) citam como exemplo “*e, aí, daí, então*” quando utilizados para dar sequência de modo coesivo o texto, como “*daí* ela disse pra ele assim”.

Esses níveis podem ser observados com frequência, mas a análise deste trabalho tem foco na variação fonológica. Na sequência, apresentamos uma proposta de análise.

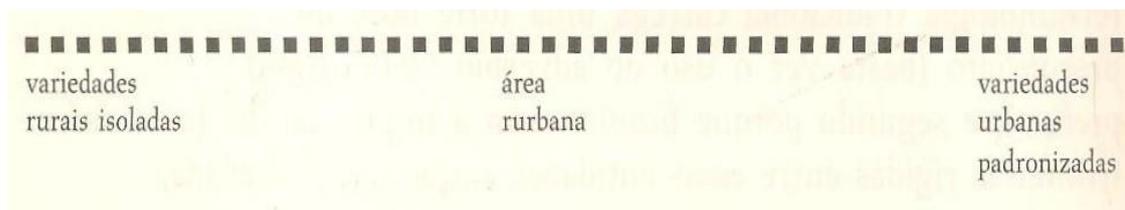
2.3 PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Partindo desses tipos e níveis de variação e de toda a variabilidade que envolve a língua, Bortoni-Ricardo (2004) propõe um modelo de análise para o Português Brasileiro. Para a autora, todo falante pode ser alocado em pontos diferentes de algumas linhas imaginárias, as quais ela chama de “contínuos”, de acordo com as variantes que utiliza em sua expressão cotidiana. São: i) “contínuo de urbanização”: ii) “contínuo de monitoração estilística”; e iii) “contínuo de oralidade e letramento”. O primeiro se refere às formas rurais e urbanas de usar a língua. O segundo, relaciona-se aos papéis sociais por nós desempenhados e aos contextos nos quais interagimos; o terceiro, à interferência maior ou menor do texto escrito em nossa fala.

Interessa-nos, neste trabalho, o contínuo de urbanização, uma vez que a variedade linguística expressada nos contos aqui analisados é a popular, que sofre grande influência das variantes do “Dialeto Caipira”, como denomina Amadeu Amaral (1960) ao que chamamos de falar rural. Como propõe a Bortoni-Ricardo (2004), todos os falantes brasileiros podem ser alocados em pontos mais próximos ou mais distantes dos polos deste contínuo.

Assim, imaginemos uma linha na qual, em uma das extremidades, estão os falares rurais mais isolados e, no outro, os falares urbanos que recebem a influência da norma padrão. No meio dessa linha, alocam-se os falares oriundos da mistura que se dá entre o falar rural e o urbano, quando ocorre mobilidade de falantes rurais para as periferias dos centros urbanos, passando a sofrer influência da mídia, do trabalho, da igreja e, especialmente da escola, entre outras agências de letramento. À variedade construída nessa relação, Bortoni-Ricardo (2004) chama de “rurbana”. Na sequência, apresentamos o contínuo de urbanização.

Figura 1 – Contínuo de Urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004)

Como mencionamos, Bortoni-Ricardo (2004) alega ser possível alocar todos os falantes em qualquer ponto deste contínuo, a partir do uso de variantes. Por exemplo, um falante das zonas periféricas, que em sua expressão linguística apresente metaplasmos como o iotacismo e o rotacismo estará em um ponto mais próximo do falar rural. A esses traços que causam estigma e preconceito, a autora denomina de “traços descontínuos”.

Falantes cultos, que não apresentem metaplasmos característicos dos traços descontínuos estarão mais próximo do polo urbano do contínuo, mesmo que, em sua fala não monitorada, apresentem traços graduais, como a monotongação (cadeira/cadera), a síncope (está/tá), etc.

Na próxima seção, traremos algumas definições sobre preconceito linguístico, visto esta temática estar inserida em nossas discussões.

3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Diante da visão da língua em um contexto social e sua relação indispensável com a sociedade, lembramos que a fala só pode ser analisada ao se considerar quem fala, onde fala e para quem fala. As variedades linguísticas não podem ser consideradas erradas, visto que se tratam de uma fala característica a determinados grupos, e seria um retrocesso considerar alguma inferior à outra.

É comum que, diante de uma variação linguística, as pessoas venham a valorar de forma diferente uma das variantes. É o que muitas vezes presenciamos diante da fala culta e da fala popular praticada no país.

Bagno (2015, p.12) afirma não compactuar com a expressão “norma culta” por conta de suas muitas ambiguidades, uma vez que é usada, sem distinção clara, para se referir tanto à língua idealizada das gramáticas normativas, quanto para representar o modo de falar/escrever dos brasileiros mais letrados e da elite socioeconômica do país.

Para o autor (2015, p. 12):

Quarenta anos de pesquisa Sociolinguística no Brasil têm demonstrado que existe uma distância muito grande entre o “português” que as gramáticas normativas tentam impor como uso único e exclusivo da língua e os variados modos de falar que encontramos na atividade linguística real dos cidadãos que gozam de prestígio social.

Isto quer dizer que, mesmo nas camadas mais cultas da sociedade, a fala é diferente daquela ensinada como única e correta pelos manuais e gramáticas da língua portuguesa. Sendo assim, qual das duas variedades (a língua das gramáticas x a língua dos cidadãos de prestígio) deveria ser considerada a “norma culta”? Bagno se desvencilha dessa questão ao propor o uso de outros termos e definir uma ótica diferente para a análise Sociolinguística.

O autor propõe a análise sociolinguística sob três focos: 1. O foco da norma-padrão, considerando o modelo idealizado de língua “correta”; 2. O foco no conjunto das variedades prestigiadas, que definiu como aquelas faladas pelos cidadãos mais escolarizados, de prestígio e maior condições financeiras; 3. O foco nas variedades estigmatizadas, que são aquelas que abrangem a maior parcela da população, com menos escolaridade, e que vivem em zonas mais pobres. (BAGNO, 2015, p. 13)

Para Bagno (2015), a norma-padrão, aquela que é ensinada pelas gramáticas, não é um modo de falar autêntico do brasileiro. Ela não seria variedade do português contemporâneo e nem um modo de falar autêntico, pois nunca é utilizada totalmente, até

mesmo em textos altamente elitizados, sendo comum a existência de inovações linguísticas. Em suma, a língua ensinada pelas gramáticas só é utilizada parcialmente, mesmos nos textos mais cultos, e por isso é necessário que exista uma distinção entre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio.

Bagno (2015) dá um exemplo dessa necessidade de distinção:

Quando se trata do imperativo negativo na segunda pessoa do singular (tu), a única forma descrita é do tipo “não fales”, “não comas”, “não peças” etc. Ora, em nenhum lugar do Brasil, em nenhuma classe social, se usa essa forma do imperativo negativo. Mesmo em lugares (como o Pará e o Maranhão) onde o pronome tu é empregado com a morfologia clássica em outros tempos e modos (falas, falaste, falasses), o imperativo negativo se faz ou como “não fala”, “não come”, “não pede”, ou como “não fale”, “não coma”, “não peça”. Ninguém, portanto, na fala normal e espontânea (e mesmo na escrita monitorada), usa a forma prevista pela norma padrão. Por isso, é possível dizer que a norma-padrão não faz parte da língua, se por língua entendermos a atividade linguística real dos falantes em suas interações sociais. (BAGNO, 2015, p 12-13)

Diante a explicação do autor, percebe-se que realmente existe uma distinção entre a língua presente nas gramáticas e manuais de língua portuguesa e a língua falada nas diversas regiões do país, mesmo quando o falante busca utilizar a forma considerada culta da língua. É por esse motivo que o autor afirma que a norma-padrão não faz parte da língua, quando entendemos a língua como a verdadeira atividade linguística dos falantes de português em seu cotidiano.

Bagno (2015, p. 17-18) afirma que a “variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua[...]”. Para ele, uma educação linguística democrática voltada para a cidadania considera a fala dos diferentes grupos sociais como elementos fundamentais da identidade cultural. Por isso, diminuir uma variedade linguística é o mesmo que condenar e humilhar as pessoas que a falam. Embora esse reconhecimento da variação linguística seja de grande importância para uma democracia, o que vemos na sociedade é um preconceito forte contra as variedades linguísticas.

Como visto, as pessoas raramente se utilizam de algumas formas gramaticais consideradas ideais, o que faz com que se tornem formas em desuso. Se ninguém as usa, por que motivo seriam consideradas cultas e corretas em detrimento de outras variedades?

O preconceito linguístico é disseminado todos os dias, seja no cotidiano, na internet, em programas de TV e nas demais formas de mídia. Até mesmo em livros e gramáticas normativas (BAGNO, 2015). A noção de superioridade, de prestígio de uma variedade sobre a outra, é fruto da ignorância e do elitismo.

Para Bagno (2015):

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. Nem mesmo na atuação de pessoas engajadas em importantes causas sociais, com posições politicamente progressistas, a gente encontra referências a ele, a não ser muito esparsamente. (BAGNO, 2015, p 12-13)

É pequena a percepção atual acerca do preconceito linguístico, e pouco se debate sobre ele. É comum que os indivíduos que se atrevam a falar sobre esse tipo de preconceito recebam críticas, no sentido de que estariam querendo ensinar o “português errado.” A percepção de que essa noção de certo/errado na língua está equivocada ainda é pequena, o que faz com que parte da sociedade não veja o preconceito linguístico como um problema verdadeiro.

Bagno (2015, p. 22-23) expõe que existem mais de duzentas línguas minoritárias no Brasil inteiro que precisam ter seus direitos linguísticos reconhecidos, e que deve existir uma política linguística oficial bem planejada capaz de defender a diversidade linguística e legitimar as características brasileiras de falar o português, que já existem há séculos, mas que são “até hoje veementemente combatidas pelos defensores de um ideal de “língua pura” antiquado, conservador, e assumidamente reacionário.”

O autor ainda assevera que a falta de uma política linguística oficial acaba deixando um vazio que tende a ser preenchido por políticas atrasadas e desinformadas, gerando confusão, repressão e perseguição, como a proibição do gerúndio em documentos oficiais do Distrito Federal, em 2007, algo totalmente equivocado, chegando ao ridículo.

A variação e o preconceito linguístico são conceitos ligados, uma vez que a variação linguística gera o preconceito através do estigma/prestígio de determinadas variantes. Ao analisar os contos periféricos, devemos fazê-lo de forma isenta, buscando a variação sem estigmatizar a variedade local.

É importante que se trate do preconceito linguístico ao se tratar da variação linguística, evitando propagar mitos e gerando maior conscientização sobre o tema. Bagno (2015, p. 25-27) buscou desmitificar noções equivocadas sobre o que chamou de “mitologia do preconceito linguístico no Brasil”, como o da unidade linguística brasileira. Formou-se a impressão de que o português brasileiro é homogêneo, o que não é verdadeiro, visto que ele apresenta grande diversidade e variabilidade.

Dessa forma, a injustiça social também é responsável pela variação da língua no país, como atesta Bagno (2015):

São essas graves diferenças de status socioeconômico que explicam a existência em nosso país de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro (moradores da zona rural ou das periferias das grandes cidades, miseráveis ou pobres, analfabetos ou semianalfabetos) – que são a maioria de nossa população – e os falantes das variedades prestigiadas (moradores dos centros urbanos, mais escolarizados e de poder aquisitivo mais elevado). (BAGNO, 2015, p. 28)

O português brasileiro não é homogêneo. Sua formação recebeu a influência de vários fatores externos, como o fator socioeconômico, que criou o que Bagno (2015) chama de “abismo linguístico” entre os que falam as variedades prestigiadas e as estigmatizadas. É inegável que a escolaridade e o poder aquisitivo se tornam fatores externos importantes na variação linguística, uma vez que acentuam as diferenças entre os falantes.

Assim, é importante que se criem políticas linguísticas capazes de informar e combater o preconceito linguístico, reduzindo os mitos e conscientizando a população, pois não existe uma língua imutável. O português de amanhã poderá ser completamente diferente da realidade atual, mas não necessariamente errado.

4 O CONTO COMO GÊNERO DE ANÁLISE

Gênero que teve seu auge no século XIX, época que marca a escrita de clássicos, como “O Gato Preto”, de Allan Edgard Poe, e “O Alienista”, de Machado de Assis, o conto como gênero literário é comumente definido como uma narrativa curta com um único conflito e poucos personagens.

Embora podendo ter seu valor subestimado devido à extensão, uma vez que, por ser mais curto, tende a ser visto como um texto de complexidade superficial, o conto sempre esteve presente na literatura mundial.

Cortázar (1974 apud Gotlib, 1990, p.8) apresenta três acepções para o gênero: i) relato de um acontecimento; ii) narração oral ou escrita de um acontecimento falso; iii) fábula que se conta para divertir crianças, as quais apresentam como ponto em comum os modos de contar algo, sendo, portanto, todas narrativas que apresentam sucessão de acontecimentos na mesma unidade de ação, marcadas pelo interesse humano.

De acordo com Gotlib (1990), o conto literário é uma história narrada oralmente e que evolui para registros escritos, sem se restringir a apenas relatar o acontecido, mas inventá-lo novamente, sem limites precisos entre ficção e realidade, uma vez que não importa averiguar se há verdade ou mentira, mas vale, no entanto, a realidade contada, com a ajuda de recursos literários, de acordo com as intenções do autor.

Gotlib (1990), discutindo acerca da questão terminológica, afirma que a terceira acepção de conto dada por Cortázar, a de que seria uma fábula para divertir crianças, seria mais ligada ao conto maravilhoso, que difere do conto e do conto literário.

Dessa forma, os “Contos Periféricos”, de Ari Denisson, tratam-se de contos literários, uma vez que são relatos escritos de acontecimentos verdadeiros ou falsos e de interesse humano, contados na mesma unidade de ação e com a ajuda de recursos literários. Não importa averiguar se existe verdade ou mentira, o que importa é apenas a realidade apresentada através das narrativas ali desenvolvidas.

5 AUTOR E OBRA

A obra escolhida para análise nesta pesquisa foi “Contos Periféricos”, do escritor e professor de Língua Portuguesa e Literatura Ari Denisson, publicada em 2016 pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos. O autor tem formação superior pela UFAL, em Letras-Português/Espanhol, Mestrado e Doutorado em Estudos Literários, é autor de dois livros e uma coletânea. Seu primeiro livro, de poesia, chama-se *Baroque.doc*, publicado pela Edufal, e um conto chamado *Cinco Estrelas*, na coletânea *Inferno Tropical*, foi publicada pelo Coletivo Sirva-se.

A escolha se deu por se tratar de uma obra escrita por um alagoano que apresenta expressões locais, as quais demonstram a variação linguística da região. Em uma entrevista à revista *Psicod*, o próprio autor explicou sua admiração pela fala popular, sobretudo alagoana, alegando, inclusive, que durante sua graduação, apesar não ter seguido como pesquisador em Linguística, partindo para a Literatura, a variação linguística sempre o fascinou. Como ele mesmo afirma, “Gostava de prestar atenção aos detalhes fonéticos mesmo da nossa fala que fugiam da fala padrão, decalcada dos falares do Sudeste: nas conversas com minha mãe, das pessoas na rua mesmo, quando ouvi artistas ‘alternativos’ oriundos do Nordeste[...]” (LITERATURA, 2019)

Os contos de Ari Denisson retratam a vida cotidiana em Maceió, capital de Alagoas, em situações que podem ser descritas como “diálogos do dia-a-dia”, abrangendo diversos bairros e localidades, mas predominantes na periferia.

O adjetivo “periféricos”, que qualifica “contos” no título, traz uma carga semântica que, por si só, compreende uma análise, uma vez que envolve estar à margem, estar fora do centro, o que tanto pode caracterizar os personagens ambientados em bairros diversos da capital Maceió, como a variedade popular, expatriada da “norma padrão/culta/standard”, para usar uma nomenclatura dada por Faraco (2015) e escapar da problemática denominação já mencionada neste trabalho.

E, por que não, uma literatura periférica? O autor relata que os contos nasceram do desejo de expressar, na prosa, algumas de suas preocupações temáticas – a vida na periferia, o medo da violência, o transporte público ineficiente etc. dando atenção especial à sonoridade específica dos falares maceioenses, alagoanos, nordestinos. Daí surgiu a ideia de escrever “uma série de contos cujo tema mais recorrente fossem as revoltas populares inusitadas, fora do roteiro previsível da esquerda universitária, e ônibus precários atrapalhando a vida das pessoas.” (LITERATURA, 2019)

Em contato direto por e-mail, Ari Denisson contou que não teve aulas de Sociolinguística durante a graduação, e que apesar de não se tratar de sua área prioritária de pesquisa, julga-a importante para o trabalho do professor. Ele explicou que seus contos apresentam “tensões de várias ordens: entre universitários de origem humilde e o seu entorno social/familiar, desabitado ao dia a dia de uma universidade e do que nela se estuda e discute; entre formas de falar e de se expressar; entre os cidadãos e os ônibus que eles têm que pegar todos os dias...”

Trata-se de uma obra que demonstra o cotidiano e a fala representada de modo fiel, resultado do empenho do autor em observar os falantes ao seu redor e não apenas a língua considerada “cult”, contribuindo para o objetivo deste trabalho ao facilitar a análise da variação linguística.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada neste trabalho segue a teoria sociolinguística, em especial em sua vertente micro, com análise qualitativa voltada para uma comunidade específica: os personagens do livro *Contos Periféricos*, de Ari Denisson.

Trata-se de, como observado, uma análise de natureza qualitativa, uma vez que, nas palavras de Paiva (2019), citando Flick (2007), acontece na realidade com a intenção de entender, descrever e explicar de diferentes maneiras os fenômenos sociais, olhando de seu interior. Ela também segue o viés da tradição epistemológica do interpretativismo, pois tem “um compromisso com a interpretação das ações sociais e com os significados que as pessoas conferem a essas ações na vida social” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

Além disso, trata-se de um estudo de caso, uma vez que “investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em um contexto específico”. (PAIVA, 2019, p. 65)

A primeira parte da pesquisa se deu com a abordagem bibliográfica do tema e a consequente escolha do livro ideal. Após análise da literatura, o livro foi escolhido por acreditarmos representar com certa precisão os diálogos cotidianos do povo alagoano, em especial dos moradores da capital, Maceió, demonstrando assim sua importância para a literatura local e servindo de instrumento ideal para que pudesse ocorrer a análise da variação linguística bem como exemplares que pudessem ser amostras do contraste entre fala popular e fala culta.

Após a escolha dos diálogos, foi realizada a análise nos mais variados níveis de variação, como lexical, fonológico, morfológico, sintático ou discursivo, conforme divisão de Coelho et al (2015).

Após as amostras selecionadas e a apresentação das análises, apresentamos uma breve reflexão do que aqui analisamos, para, então, concluir com nossas observações finais.

7 ANÁLISE: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA RELEVANTE NOS CONTOS PERIFÉRICOS EM ARI DENISSON

Diante dos conceitos apresentados, e considerando a língua e os fatores externos e internos que influenciam a variação e a mudança linguística, passamos a analisar os contos periféricos do autor alagoano Ari Denisson, buscando demonstrar a variação linguística presente neles nos mais variados níveis, como lexical, fonológico, morfológico, sintático ou discursivo, conforme divisão de Coelho et al (2015), além de analisarmos os traços graduais e descontínuos, ponderando sobre a possibilidade de incidir ou não em preconceito linguístico.

É interessante como Ari Denisson faz a distinção entre o falante popular da periferia e o falante letrado, culto. No primeiro conto, no qual manifestantes paravam o trânsito em protesto, existe um contraste muito grande entre a fala dos manifestantes e um dos motoristas. Segue o diálogo:

Exemplo 1:

- Muito obrigado, jovens rapazes! Gostaria de lhes pedir minhas mais sinceras desculpas. Dentro dos automóveis, no conforto de nossos ar-condicionados e salvaguardados da Tarraxinha por nossos aparelhos de som, quantas vezes não nos hostilizamos...
- Ih, parecia – cortou Kelson - venha falar mal de tarraxinha não, véi, eu danço muntcho ca minha nega.
- Desculpe! Apenas fico comovido com a militância e a visão global de vocês...
- Que boba esse home ta falando, heim?
- ...sou professor do curso de geografia da Ufal...
- Ah, ta explicado. Ma' esse povo de dinheiro é frescurento mesmo, né?
- e... fico chocado com o fato de nem lá ter encontrado uma preocupação tão grande com o futuro da liberdade de expressão como tenho visto aqui.

O falante mais letrado, professor universitário, escolhe suas palavras de maneira mais formal, completamente diferente dos jovens manifestantes do bairro pobre, que utilizam expressões locais e variedades que são consideradas estigmatizadas em locais mais formais.

A partir desta primeira introdução, temos a análise dos seguintes exemplos:

Exemplo 2:

- *Moço, sai daí, o senhor não tem medo de pegar nenhuma doença, não? Tem lixo até do Caps jogado aí! Eita **home'** doido!*

No exemplo 2, temos um caso de variação fonológica em “home”, pois ocorre a síncope, ou seja, há supressão de um fonema final.

Há uma representação da fala popular, que tanto pode representar a região periférica, como também pode estar na fala de todo brasileiro em momentos de descontração.

Temos, na palavra destacada, um “traço gradual”, como orienta Bortoni-Ricardo (2004), uma vez que, como dito, pode acontecer em momentos cuja expressão não necessite ser monitorada e, portanto, não estará passível de apreciações negativas, não conduzindo ao preconceito linguístico.

Exemplo 3:

- *Ih, **pareia** – cortou Kelson – venha falar mal de Tarraxinha não, **véi**, eu danço **mntcho** ca minha **nega**.*

Nesse exemplo, temos os seguintes termos em destaque: *pareia*, *véi*, *mntcho*, *ca* e *nega*. Em *pareia*, ocorre a despalatização seguida de iotacismo (perda do lh pelo i) de *parelha*, que por sua vez é derivada do verbo *emparelhar*. Existe, também, um traço descontínuo, uma vez que não se trata de um momento de desconcentração, mas uma fala periférica característica, o que pode acarretar em preconceito linguístico se utilizada em situação mais formal.

Em *véi*, também ocorre a despalatização de *velho*, porém se trata de um metaplasmo de traço gradual, uma vez que pode acontecer com qualquer falante, e não causa preconceito.

Em *mntcho*, ocorre o fenômeno da palatização, um metaplasmo de traço descontínuo, pois é uma marca de estereótipo na fala dos nordestinos, causando preconceito. Já em *ca* e *nega*, ocorre síncope, suprimindo com + a para *ca*, e o “r” em “*negra*”, em traço gradual, pois pode ocorrer na fala de qualquer falante.

Exemplo 4:

-*Ah, tá explicado. **Ma'** esse povo de dinheiro é frescurento mesmo, né?*

No exemplo 4, também há variação fonológica em *ma'*, pois ocorre a síncope, com a supressão do fonema final.

É um metaplasmo de traço gradual, uma vez que há mais uma representação da fala popular, representando a região periférica ou a fala do brasileiro em momentos de descontração.

Exemplo 5:

-Já enviei. Tá com o cerular aí?

Em *Tá*, também existe a presença de síncope, uma vez que existe a supressão dos fonemas inicial “es”, formando um metaplasmo de traço gradual, muito produtivo em situações diversas, presente atualmente, inclusive, na variedade culta da língua.

Já em *cerular*, ocorre o rotacismo, com a troca da consoante l por r, em outra variação fonológica de metaplasmo descontínuo, pois considerada marca de falantes rurais, e não apenas utilizada em contexto informal.

Exemplo 6:

-E é? – fez um muxoxo – inji!

A expressão *inji*, derivada de uma sequência de síncofes iniciadas na expressão de surpresa nordestina “Virgem Maria”, para virge, vigi, até inge, ingi ou inxi, demonstra uma variação fonológica ao longo do tempo, de metaplasmo de traço descontínuo.

Exemplo 7:

-Tchá, lombá da porra!

Outra variação fonológica em *tchá*, ocorrendo primeiro a palatização de *eita* para *eitcha*, e então a síncope de *eitcha* para apenas *tcha*, com a supressão do fonema inicial. Trata-se de metaplasmo de traço descontínuo, pois o falante recebe rejeição e preconceito, uma vez que se trata de forma mais presente nas variantes estigmatizadas da língua, marcando, em especial, de maneira estereotipada, os falantes nordestinos.

Lomba é uma variante tipicamente nordestina que significa fazer provocações ou caçoar, representando uma variação lexical.

Exemplo 8:

- Com'é que tu sabe, mulé?

Em *com'é*, ocorre mais uma vez a síncope, diante da supressão do morfema final, a vogal 'o'. É um metaplasmo de traço gradual, uma vez que há mais uma representação da fala comum em momentos de não monitoramento.

Tu sabe é uma alternância de forma pronominal, na relação estabelecida entre pronome e verbo, e, portanto, um caso de *variação morfossintática*, pois sai do campo da morfologia para o campo da sintaxe, conforme Coelho et al (2015, p.28). Apresenta um caso de ausência de concordância verbal que pode tanto ser um traço gradual como descontínuo, dependendo da região em que é produzido já que algumas regiões do Brasil aceitam tal expressão na fala não monitorada, como, por exemplo, parte do Nordeste, capital do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul etc.

Mulé é mais uma vez caso de *despalatização*, de traço descontínuo, podendo acarretar em preconceito linguístico quando utilizado em situações mais formais.

Exemplo 9:

- *E pelo jeito é verdade esse **negoço** de que poesia não dá dinheiro. Tá vendo que seu virasse uma poeta rica eu não ficava aqui na Chã?*

No exemplo, há variação fonológica em *negoço*, ocorrendo a monotongação com a redução do ditongo em vogal. É importante observar que, ao contrário de outras formas de monotongação, quando ocorre no final da palavra, é passível de avaliação negativa, pois é um metaplasmo de traço descontínuo, que marca falantes rurais, não ocorrendo na fala de todos.

Exemplo 10:

- Seu braço esquerdo foi igualmente... decepado... e usado como caneta numa parede... O sangue que dele jorrava era a tinta! A palavra pichada exprimia o delito da moça: "**cabueta**".

No exemplo 10, há variação lexical em *cagueta*, pois é utilizado tanto como *cabueta/cagueta*, de acordo com a variação geográfica ou regional, significando "dedo-duro".

Exemplo 11:

*-Meu filho, que negócio é esse? É dinheiro? Cuidado, viu? Os maloqueiros podem achar que **tu tem** cento e trinta e dois reais, ai **tu tas** ferrado!*

Tu tem e *tu tas* são outros exemplos de variação morfossintática, tratando-se de uma situação de interface que ultrapassa a variação morfológica, entrando no campo da sintaxe, como vimos no exemplo 8. Vale frisar que se trata de um traço gradual, pois pode ocorrer em momentos de descontração, mas que se trata de um caso específico de algumas regiões. É um traço gradual comum na fala de algumas regiões do nordeste, Rio de Janeiro e em algumas regiões do sul. Dessa forma, não se trata de uma marca da fala de todos os brasileiros.

Exemplo 12:

*-Rapaz, que ele tá entendido, **mermo**, óia! Tu é **essas parada** também e tá escondendo o jogo, eu tô ligada. Ou a “deiji Poto” tem alguma coisa a ver com isso?*

Em *mermo*, existe um caso de posteriorização da fricativa vozeada, uma variação fonológica, trocando o fonema /z/ pelo /h/. Trata-se de traço descontínuo, pois é uma forma típica de regiões nordestinas, ocorrendo, também, na fala dos cariocas. É uma variação que comumente gera preconceito linguístico.

Em *essas parada*, temos um traço que, numa fala cotidiana, pode ser bastante produtiva em qualquer brasileiro, mas que, no entanto, não é aceita em interações mais formais. A ausência de concordância nominal de número é, portanto, um traço descontínuo, mesmo que em certas situações possa ser aceitável.

Em *óia*, ocorre a despalatização seguida de iotacismo, em um metaplasmo de traço descontínuo, uma vez que é marcadamente um traço de falas rurais totalmente estigmatizado.

Exemplo 13:

*- É... mas **oxe**: ela **num** é da Assembléia?*

Em *oxe*, temos uma expressão (ou interjeição) nordestina muito produtiva que vem de “oh gente”. Dessa forma, é um metaplasmo de traço gradual na fala dos nordestinos, que pode ocorrer na fala de qualquer um, e descontínuo, se levarmos em consideração a visão de quem não é do Nordeste.

Em *num*, vemos a presença de síncope mais uma vez, reduzindo “não é”. É um metaplasmo de traço gradual, que pode ocorrer em momentos de descontração na fala de qualquer pessoa.

Exemplo 14:

- *Ei, moça, com licença, qu'ê isso?*

Em *qu'ê*, ocorre síncope, uma vez que há a supressão do fonema de *que* e sua junção com *é*. Trata-se de metaplasmo de traço gradual, que pode ser observada em meios informais e momentos de descontração.

Exemplo 15:

- Sai daê, camboi' de **doidju!**

Por último, em *doidju*, existe o fenômeno da palatização, ocorrendo a variação fonológica da palavra “doido”. É um metaplasmo de traço descontínuo, específico de algumas partes do nordeste, que não acontece em outros lugares do país. Além de ser uma marca regional, é uma variação que gera muita rejeição e preconceito, como vimos no exemplo 7. em sendo inclusive utilizada como forma humorística para representar nordestinos, o que termina por ajudar na propagação do preconceito linguístico.

Percebe-se que na maioria dos diálogos encontrados foram comuns os casos de síncope palatização/despalatização, bem como números similares de traços graduais e descontínuos. Diante da análise dos diálogos selecionados, passamos para a discussão acerca das situações relevantes encontradas.

8 DISCUSSÃO E REFLEXÃO

Observa-se, em todos os contos, a aproximação linguístico-identitária com a periferia, corroborando e afirmando o título do livro: Contos Periféricos. O leitor maceioense se vê nos diálogos, encontra-se nas interações quando relatadas em norma culta, mas, sobretudo, quando expressadas na variedade popular.

As variantes, as expressões, algumas gírias, ou seja, “a cara sociolinguística” (Faraco, 2015) dos falantes da capital de Alagoas está bem relatada, o que leva a concluir que há, no livro, uma representação que busca a fidedignidade, e, de uma forma bastante respeitosa, valoriza a variedade popular, mostrando que a língua, construto social, é variável, conforme vemos nos autores que nos fundamentam, mas que a interação acontece sem qualquer prejuízo, a despeito da variação.

Assim, corroborando a expressividade do português brasileiro, nos diálogos ficcionais encontramos a presença de diversos metaplasmos descontínuos que são responsáveis por indicar possíveis situações de preconceito linguístico, principalmente quando o falante maceioense se encontra diante de falantes de outras regiões. É o caso, por exemplo, de “*mulé*”, uma despalatização de traço descontínuo que acarreta preconceito linguístico.

É comum que existam metaplasmos de traços graduais, como ‘*tu tem*’ e ‘*tu tas*’, em variação morfossintática, que são casos específicos apenas de algumas regiões e que não geram preconceito nestas regiões.

A variação lexical em *cabueta/cagueta* também demonstra a aproximação linguístico-identitária do conto, uma vez que se trata de uma forma muito comum em Alagoas, assim como a interjeição *oxe*.

Pareia, *mermo*, *óia*, e *doidju* apresentam metaplasmos de traços descontínuos que expõem claramente as variantes linguísticas que podem gerar preconceito ao serem utilizadas em situações mais formais. São traços marcantes de falas rurais, que fazem parte das variedades estigmatizadas da língua, algumas específicas do Nordeste. Os contos demonstram que a variação não é apenas gradual, mas também descontínua, nos termos de Bortoni-Ricardo (2008), sendo comum receber preconceito linguístico.

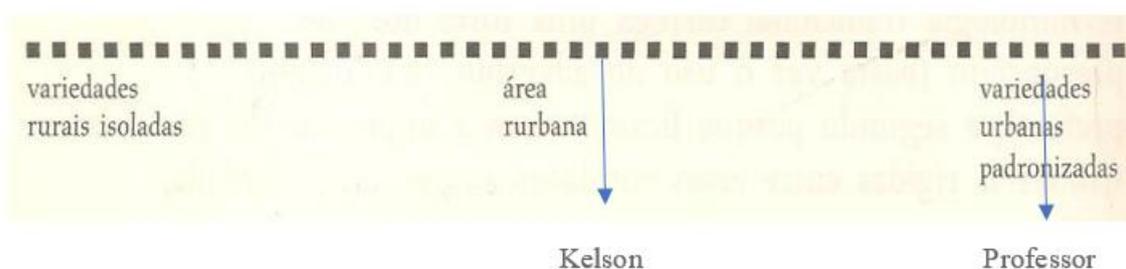
Não é incomum que essas formas sejam utilizadas para representar nordestinos humoristicamente, muitas vezes de forma preconceituosa e ajudando a disseminar o preconceito linguístico no dia-a-dia. Um maceioense que, durante uma conversa em outras regiões, utilize *pareia*, *mermo*, *óia*, e *doidju*, poderá sofrer rejeição e preconceito, pois ainda

se acredita que essas variantes são erros, pois fogem ao que foi pactuado como mais bem aceito por representar a norma culta.

Em relação à proposta de análise em contínuos, podemos analisar a fala como um bloco geral, ou seja, considerando-a no contexto periférico de Maceió. Assim sendo, poderíamos alocar todos os falantes representados nos diálogos de “Contos Periféricos” pontos rurbanos, já que, como prevê Bortoni-Ricardo (2004), denomina-se de rurbana a maneira de se expressar de grupos oriundos da zona rural ambientados nas zonas periféricas das cidades grandes e que mantêm parte da cultura rural, principalmente linguística.

Para efeito de ilustração, usaremos a diálogo apresentado no exemplo 1 (página --- deste trabalho), que traz a fala de Kelson e de um professor da UFAL. Alocando estes dois falantes no contínuo de urbanização, pela análise das variantes apresentadas, temos o seguinte:

Figura 2 – Contínuo de Urbanização em Contos Periféricos



Fonte: a autora (2004)

Kelson, morador da periferia e falante da variedade popular, encontra-se numa zona rurbana, mas, por interferência de todo o processo de letramento presente na situação, não pode ser alocado em pontos mais próximos do rural. O Professor, ao se expressar sem traços descontínuos, aloca-se em um ponto rurbano, mas bem mais perto do ápice do polo urbano.

Por fim, percebemos que as variantes são fidedignas e identitárias com relação ao falante maceioense, em especial o da periferia, mais produtivo no livro, que se identifica nos contos periféricos por meio delas.

Expostas nossas reflexões, apresentamos considerações que visam encerrar, ainda que por ora, as discussões sobre o assunto.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foi analisada a variação linguística em *Contos Periféricos* do autor Ari Denisson, por meio de diálogos que fictícios, mas que retratam o bem o cotidiano destes falantes.

É clara, portanto, a aproximação linguístico-identitária dos *Contos Periféricos* com a periferia, ou seja, é possível identificar de onde são os falantes representados no livro e quais variantes são comumente empregadas em seu cotidiano.

Existem variantes específicas a determinadas regiões, como *doidju*, *tchá*, *inji*, *negoco*, *tu tem* e *tu tas*, que aparecem em nosso corpus, as quais permitem não só identificar a origem dos falantes, mas também fatores sociais, como sua posição socioeconômica, seu nível de instrução, o acesso ao letramento escolar e à cultura hegemônica.

A análise aqui apresentada corrobora outros estudos que já mostraram que a variação linguística gera uma valoração diferente para cada variante, rotulando-as “variantes de prestígio” e “variantes estigmatizadas”, o que também é responsável por ampliar o preconceito linguístico, pois, ao se considerar apenas as variantes de prestígio como corretas e diminuir as variantes estigmatizadas, que tendem a ser, na maioria das vezes, rurais e periféricas, está se desvalorizando os falantes que as têm em sua expressão linguística habitual. Como bem assevera Gnerre (2009, p.6), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Observou-se existir aproximação linguístico-identitária com a variedade popular nas falas representadas no livro, em que o leitor maceioense se vê nos diálogos, encontra-se nas interações quando relatadas em norma culta, mas, sobretudo, quando expressadas na variedade popular.

No entanto, refletindo sobre a incorrência ou não do preconceito linguístico, e, atendendo, com isso, os objetivos específicos deste trabalho, podemos refletir se essa representação tão real da fala do maceioense da periferia, mesmo sendo identitária, poderia levar leitores de outros estados a avaliarem negativamente a variedade nordestina, favorecendo o preconceito. Ou seja, como o autor apresenta a realidade da fala, com seus metaplasmos de traço descontínuo, a ausência da concordância verbal e nominal, entre outras marcas da variedade popular, de forma paradoxal, poderia compactuar com a estigmatização dos falantes nordestinos.

Nossas leituras, nossas análises não dão conta de solucionar esse paradoxo. É preciso, antes de tudo e como prevê Bagno (2015), uma mudança social. Assim sendo, este trabalho, cuja intenção não foi encerrar o assunto, deixa questões abertas para futuras discussões. Cabe analisar outras obras com a mesma variedade linguística e tentar entender de que maneira os autores de contos, sejam eles populares, periféricos, clássicos, enfim, de qualquer categoria, podem dirimir esse paradoxo que vimos na obra de Ari Denisson: uma acertada identificação com os falantes representados, mas que pode deixar margens possíveis desses personagens serem avaliados pejorativamente por essa identidade.

Uma passagem na trilha foi aberta. Ficam outras a abrir.

REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. *In:* ZILES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- GNERRE, Mauricio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GOTLIB, Nádia Battela Gotlib. **Teoria do Conto.** São Paulo: Ática, 1990.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.
- LITERATURA e periferia: a escrita de Ari Denisson. 2019. Disponível em: <http://psicod.org/resumo-do-livro.html?page=16>. Acesso em: 17 set. 2019.
- PAIVA, Vera Lúci Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2019.
- SANTOS, Renata Livia de Araújo. VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima. Teoria da Variação e Mudança Linguística. *In:* COSTA, Januacele Francisca da; SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar (org). **Varição e Mudança Linguística no Estado de Alagoas.** Maceió: EDUFAL, 2011.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Editora Ática, 2007.